

4 — COADJUTOR HENRIQUE VALLE

* 1879 — Recife, † 27 - 7 - 1909

Henrique Valle nasceu em Abzate (Itália) em 1879. Fez parte da expedição chefiada pelo Pe. Giordano para o Norte do Brasil, vinda da Itália em novembro de 1899, mas não desembarcou no Recife como as outras; ficou a bordo com o Pe. Della Valle, ambos destinados a Bahia. Vinham inaugurar o Liceu do Salvador numa chácara adquirida em 1897 no Bairro de Nazaré, com fundos angariados pela comissão nomeada pelo Snr. Arcebispo Primaz D. Jerônimo Tomé da Silva. Chegaram ao pôrto do Salvador nos primeiros dias de dezembro e logo tomaram posse da mencionada chácara.

Em 1902 com a fundação da Escola Agrícola S. José, na Tebáida (Sergipe) foi o coadjutor Henrique Valle transferido para essa nova casa a fim de ser mestre prático de trabalhos agrícolas e assistente dos aprendizes. Até 1905 ali permaneceu prestando o auxílio de seu esforçado zelo e diligência a essa

casa que em 1903 foi transformada em casa de formação (aspirantado e noviciado). Em 1906 foi transferido para o Colégio Orfanológico S. Joaquim, em Colônia, hoje Frei Caneca, Pernambuco, onde ocupou o cargo de assistente das oficinas, dormitório, recreio, com aquela persistente e acurada vigilância que era sua característica. A turma de agricultores a seu cargo, conseguia com paciente dedicação incutir o gosto pelo cultivo metódico da terra. Era Henrique Valle exemplo de piedade e exatidão do cumprimento de suas obrigações. Em abril de 1909 voltava de novo à Escola Agrícola S. José em Sergipe, porém não mais se habituou ao novo ambiente. Porisso em julho estava êle de volta ao Colégio S. Joaquim na ocasião em que fazia a visita regular do estabelecimento o médico Dr. Ismael da Cruz Gouveia. Êste, logo que o viu, notou tal gravidade e adiantamento do mal, que o mandou para a cama prevenindo o diretor Pe. Blangetti, ser um caso perdido e que o doente não chegaria ao fim do mês.

No dia 27 de julho por volta de meio dia o doente mudou de feição: o rosto tornou-se corado como antes de adoecer, readquiriu a robustez de voz, o antigo timbre de baixo e tão forte que era ouvido a distância de uns trinta metros. Não mais reclinado na cama como pouco antes, mas sentado com o tronco ereto. Mandou chamar o diretor e o confessor que logo lhe administraram os últimos sacramentos. Depois mandou chamar os Irmãos da casa e disse-lhes: "Mandei-os chamar para comunicar-lhes que hoje é o dia da minha morte. Sr. Pe. Broda esteja aqui às duas horas da tarde de sobrepeliz e estola para assistir à minha morte. Deveria ter sido ontem, mas como não estavam prevenidos, ficou para hoje".

- Quem lhe disse isso, Snr. Henrique?
- Êle, respondeu.
- Êle, quem?

Não respondeu à última pergunta e continuou invocando repetidamente a São José; e mostrando risonho aos presentes o escapulário de N. S. do Carmo que trazia ao pescoço, perguntou:

— Que dia é hoje?

— Quarta-feira, Snr. Henrique.

— Ah!... porque não é sexta, exclamou.

Ao diretor pediu que desse logo ordens para que fosse preparado o caixão nas oficinas. Ao que, lhe respondeu o diretor não pensasse nisso; estivesse calmo e tranquilo. Manifestou desejo de virem os alunos maiores de quem fôra assistente, cantar ao redor da sua cama o hino da divisão e assistirem à sua morte. O diretor achou mais conveniente chamar os sócios da Companhia de São José da qual êle era sócio honorário, com o que êle se conformou. Aconselhado pelo diretor a não falar tanto e a não se cansar demasiadamente declarou não poder calar a satisfação que naquêlo momento sentia e continuou invocando em voz alta, sem cessar, a São José. Depois foi-se-lhe enfraquecendo a voz, reclinou-se nos travesseiros, o corpo começou a estremecer e plácida mente expirou.